



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 7 de agosto de 2024

Bolsas Na terça-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na terça-feira	Salário mínimo R\$ 1.412	Euro Comercial, venda na terça-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,8% São Paulo	127.395	R\$ 5,657 (-1,46%)		R\$ 6,184	10,40%	10,42%	0,83 Fevereiro/2024 0,16 Março/2024 0,38 Abril/2024 0,46 Maio/2024 0,21 Junho/2024
0,76% Nova York	126.266						
	1/8 2/8 5/8 6/8						
		Últimos					
		31/julho 5,655					
		1/agosto 5,734					
		2/agosto 5,709					
		5/agosto 5,741					

MERCADOS / Em ata, autoridade monetária adota tom mais duro do que comunicado da semana passada. Analistas admitem que, se câmbio seguir no atual patamar, comitê pode aumentar a taxa Selic em 0,25 ponto percentual em setembro

BC reforça alerta para alta dos juros

» ROSANA HESSEL

Em tom mais duro, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central deixou claro, na ata de sua última reunião, que todos os diretores da instituição concordam em aumentar os juros, se for necessário, sem hesitação. Analistas do mercado começaram a precificar, inclusive, aumento da taxa básica da economia (Selic) na próxima reunião do colegiado, marcada para os dias 17 e 18 de setembro, especialmente se o dólar continuar valorizado como atualmente, em torno de R\$ 5,70.

Na reunião dos dias 30 e 31 de julho, o Comitê decidiu, por unanimidade, manter a taxa básica da economia em 10,50% ao ano. A ata também ficou maior do que a anterior em sete parágrafos e reforçou a preocupação com a piora dos cenários interno e externo e do quadro fiscal. Não à toa, o uso da palavra “risco” passou de seis, no Copom de junho, para 11, no de julho.

No documento, o grupo de nove diretores do BC ressaltou que “o momento corrente é de ainda maior cautela e de acompanhamento diligente dos condicionantes da inflação, sem se comprometer com estratégias futuras”. “À luz desse acompanhamento, o Comitê avaliará a melhor estratégia: de um lado, se a estratégia de manutenção da taxa de juros por um tempo suficientemente longo levará a inflação à meta no horizonte relevante; de outro lado, o Comitê, unanimemente, reforçou que não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado”, destacou a ata, no parágrafo 25.

Apesar de o Copom ser bastante enfático ao admitir que poderá subir juros, Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV, acredita que o BC ainda vai ter cautela antes de começar a aumentar a Selic. “Existe uma sinalização de que, se o cenário piorar, eles vão subir a taxa de juros, mas que, neste momento, vão aguardar mais informações para saber se a manutenção da taxa é compatível com o cenário de ancoragem das expectativas e convergência da inflação. Então acho que eles vão aguardar mais informações até por conta da volatilidade do cenário externo. Mas a ideia é guardar informações e, eventualmente, tomar uma decisão. Se for ter que tomar uma decisão diferente, é subir juros”, resumiu.

Mário Mesquita, economista-chefe do Itaú Unibanco, avaliou que o Comitê mostrou na ata que “se o câmbio não reagir, um ciclo de alta, começando em setembro, será inevitável”. “A ata do Copom transmitiu a mensagem que o comunicado não entregou: ficou claro que todo o comitê, não apenas alguns membros, está pronto para aumentar a Selic caso as tendências recentes nas expectativas de inflação e na dinâmica da taxa de câmbio persistam”, destacou o economista do Itaú em relatório aos clientes.

A decisão do Copom foi anterior à piora do cenário externo, que derrubou as bolsas internacionais em meio ao aumento dos temores de uma recessão nos Estados Unidos, a maior economia global e que fez o dólar disparar, na segunda-feira, para R\$ 5,74.

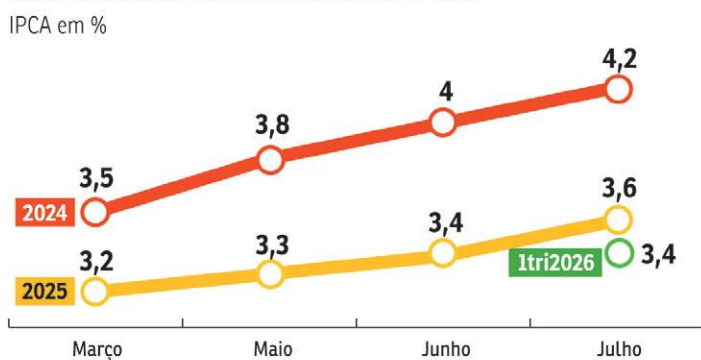
Comunicação dura

“A comunicação (da ata do Copom) foi bastante dura, o Banco Central assumiu a existência de riscos assimétricos para cima no cenário de inflação e concluiu que o processo de desinflação arrefeceu, tornando a convergência da inflação à meta desafiadora. Por fim, manteve o cenário externo desafiador e

Cenário pior

Na ata da reunião do Copom de julho, Banco Central destaca piora nas perspectivas de inflação e de aumento de riscos de alta em relação às anteriores

PROJEÇÕES DE INFLAÇÃO APRESENTADAS NAS ÚLTIMAS REUNIÕES DO COPOM*



*Previsões para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerando cenário de referência. Em julho, no cenário alternativo, com Selic constante e dólar a R\$ 5,55, as estimativas passam para 4,2% em 2024; 3,4%, em 2025; e 3,2% para Itri de 2026.

BALANÇO DE RISCOS

Comparativo dos riscos citados nas atas de junho e de julho

JUNHO

Altistas

- Persistência das pressões inflacionárias globais
- Maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função do hiato do produto mais apertado

Baixistas

- Desaceleração da atividade econômica global mais acentuada
- Impactos do aperto monetário sincronizado sobre a desinflação global se mostrarem mais fortes do que o esperado

JULHO

Altistas

- Desancoragem das expectativas de inflação por um período mais prolongado
- Maior resiliência da inflação de serviços do que a projetada em função do hiato do produto mais apertado
- Uma conjunção de políticas econômicas externa e interna com impacto inflacionário, por exemplo, por meio de uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada

Baixistas

- Desaceleração da atividade econômica global mais acentuada
- Impactos do aperto monetário sincronizado sobre a desinflação global se mostrarem mais fortes do que o esperado

debateu as estratégias para a convergência da inflação: manter o juros atual por muito tempo ou ajustá-lo, dependendo da evolução dos dados”, afirmou Tatiana Pinheiro, economista-chefe da Galapagos Capital. Apesar dessa sinalização, ela manteve a projeção de Selic estável em 10,50% até dezembro de 2024.

José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, ressaltou que o tom mais duro da ata do Copom em relação ao comunicado de quarta-feira passada incluiu a alta da Selic no cardápio dos próximos passos e no novo balanço de riscos, “todos os membros concordaram que há mais riscos para cima na inflação”, além de vários membros enfatizarem assimetria.

“Os novos dados e eventos vão determinar o ambiente global nas próximas semanas: risco de recessão nos EUA é desinflacionário, apesar de machucar o câmbio dos emergentes”, disse Gonçalves. Ele também manteve em 10,50% a previsão para a taxa Selic até o fim do ano.

O estrategista-chefe da Warren Investimentos, Sérgio Goldenstein, considerou o parágrafo 25 como o “mais importante da ata”, porque, nele, o Copom afirma que é desafiador o cenário marcado pelas projeções mais elevadas e mais riscos para a alta da inflação. “Menciona que a definição dos próximos passos da política monetária dependerá bastante do desenrolar do cenário, sem se comprometer com estratégias futuras. Assim, aponta que avaliará a melhor estratégia: de um lado, se a manutenção da taxa Selic por um período suficientemente longo levará a inflação à meta no horizonte relevante e, de outro lado, unanimemente reforça que não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar

O Comitê, unanimemente, reforçou que não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado”

Ata do Comitê de Política Monetária do BC (Copom)

a convergência da inflação à meta se julgar apropriado”, afirmou.

Cenários

Na ata, o Copom também reforçou a preocupação com a questão fiscal e destacou que a percepção dos agentes financeiros sobre o aumento dos gastos públicos. De acordo com ata, “o esmorecimento no esforço de reformas estruturais e disciplina fiscal, o aumento de crédito direcionado e as incertezas sobre a estabilização da dívida pública têm o potencial de elevar a taxa de juros neutra da economia, com impactos deletérios sobre a potência da política monetária e, consequentemente, sobre o custo de desinflação em termos de atividade”.

“O Comitê reafirma que uma política fiscal crível e comprometida com a sustentabilidade da dívida contribui para a ancoragem das expectativas de inflação e para a redução dos prêmios de risco

dos ativos financeiros, consequentemente impactando a política monetária”, alertou o colegiado. A ata repetiu o trecho de notas anteriores destacando o fato de que “políticas monetária e fiscal síncronas e contracíclicas contribuem para assegurar a estabilidade de preços e, sem prejuízo de seu objetivo fundamental, suavizar as flutuações do nível de atividade econômica e fomentar o pleno emprego”.

Câmbio

No cenário de referência para a trajetória da taxa de juros, o Comitê elevou a taxa de câmbio para o dólar de R\$ 5,30 para R\$ 5,55 e adotou a “hipótese” de volta da bandeira tarifária verde entre dezembro de 2024 e de 2025. O colegiado ainda destacou, na ata, que manteve o entendimento usual, sem qualquer alteração, “de que o horizonte relevante para a política monetária é de seis trimestres à frente, correspondendo, agora, ao primeiro trimestre de 2026”, e reconheceu que a inflação segue acima do centro da meta, de 3%, mas dentro do limite de tolerância de 4,50%.

“Em ambos os cenários apresentados, de referência e alternativo, há um processo de desinflação ao longo do horizonte, mas a projeção para o horizonte relevante está acima da meta de inflação de 3%”, destacou a ata. “O Comitê avalia que o cenário externo se mantém adverso. A menor sincronia nos ciclos de queda dos juros, já iniciados em alguns países avançados e ainda por iniciar em outros, contribui para a volatilidade de variáveis de mercado”, ressaltou o texto.

A mediana das projeções de inflação do mercado coletadas no boletim Focus, do Banco Central, passou para 4,12%, em 2024, e para 3,98%, em 2025. Para 2026, a previsão foi mantida em 3,60%.

Após tensão, dólar cai e bolsa recupera perdas

» RAFAELA GONÇALVES

O dólar comercial fechou, ontem, em forte queda. Após uma alta expressiva no pregão anterior, diante do temor de uma recessão nos Estados Unidos, a moeda norte-americana terminou o dia com queda de 1,46% cotada a R\$ 5,65. Na véspera, o câmbio havia renovado o maior patamar desde dezembro de 2021 e chegou a ultrapassar os R\$ 5,80.

O clima melhorou no âmbito externo, após um dia de colapso, que resultou na queda das bolsas em todo o mundo. Seguindo o movimento visto na maioria dos mercados, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (BV), recuperou perdas, encerrando com alta de 0,80%, aos 126.266,70 pontos.

Segundo Enrico Cozzolino, sócio e head de análise da Levante Investimentos, foi uma sessão de ajustes em um “dia claro de racionalização do mercado”.

“Não é incomum o mercado errar em expectativas, tanto de euforia quanto de pânico, reagindo a um aperto de condições econômicas. Apesar de um reflexo menor na bolsa brasileira na véspera, vimos isso no câmbio, taxa de juros, e hoje o momento foi racionalizado. Retomamos preços de algo que não teve muita novidade”, apontou.

As bolsas asiáticas também fecharam em alta, enquanto na Europa os principais índices oscilaram entre perdas e ganhos. Os mercados ficaram pressionados por dados econômicos fracos da maior economia do mundo, que geraram temores de que a economia norte-americana pudesse estar rumo a uma recessão.

Federal Reserve

Diante do cenário, aumentaram as apostas em um corte maior dos juros dos EUA na próxima reunião do Comitê de Mercado Aberto do Federal Reserve (Fomc), marcada para 18 de setembro. Antes, a expectativa era de que houvesse um corte de 0,25 ponto percentual nos juros, no entanto, para combater a desaceleração da economia americana, o mercado acredita agora em um corte de 0,50 ponto.

Para Volnei Eyang, CEO da gestora Multiplike, a atenção do mercado, de agora em diante, deve se voltar para as consequências desse atraso na redução das taxas de juros norte-americanas. De acordo com ele, caso os Estados Unidos demorem a baixar sua taxa de referência, isso pode resultar em uma inflação global mais alta. “Embora seja desafiador determinar o momento exato para a redução das taxas de juros, a demora por parte do Banco Central pode levar a uma inflação mais elevada e, eventualmente, a uma recessão”, apontou.

Eyang destacou ainda como uma possível recessão nos Estados Unidos afeta a economia mundial. “A atual queda nos mercados financeiros reflete o temor de uma recessão iminente. O atraso na redução das taxas de juros pode pressionar excessivamente a economia, resultando em recessão e, consequentemente, em um aumento do dólar e na fuga de investidores de mercados emergentes”, reforçou.



Fonte: Itaú Unibanco/Ata do Copom do Banco Central

Valdo Virgo/CBDA Press